



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Zetaba — Lisboa • Telefone: 7

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA



INICIA-SE hoje o II Congresso Operário Nacional na cidade clássica do Mondego, a velha e ridente Coimbra das tradições académicas, romantizada por gerações de poetas que nela hauriram o melhor da sua inspiração e nela deixaram o melhor do seu sonho. Acorrendo ao velho burgo medievalesco, sobre de todos os recantos de Portugal a maré viva do trabalho, a onda galgante do esforço em marcha para o Progresso simbolizado na energia da classe trabalhadora e nessa inquebrantável fé dos destinos novos, que refulge como uma aurora no horizonte abrasado do futuro.

Tudo o que neste país representa de actividade útil — as fontes vivas da produção criadora, o labor são, dignificador e moral, tudo se congloba neste certame e lança os fundamentos duma nova entidade social, mais duradoura que a entidade política e que não é baseada nos privilegiados egoísmos de castas e nações, mas nas afinidades de interesses dos povos solidários e irmãos.

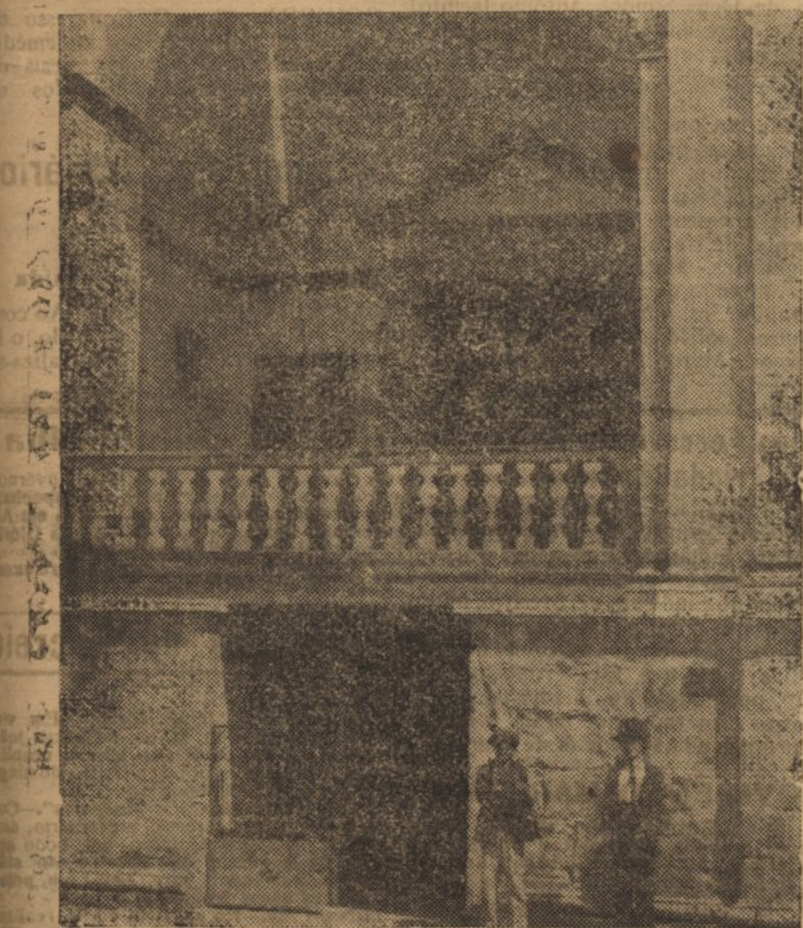
O Congresso que hoje abre é sem dúvida a maior assembleia de delegados operários que se tem realizado neste país e ele é nesta ocasião o alve de todos os nossos pensamentos, o foco convergente das esperanças daqueles que vêem na unificação da classe operária a condição essencial do triunfo da Revolução. No momento que atravessamos, em que desabam as velhas instituições minadas pelos próprios erros e vícios, este Congresso reveste uma significação excepcional que não passa despercebida à burguesia e às classes dominantes. É a elaboração duma nova ordem de coisas sobre os destroços do passado. É o início do grande abalo que convulsiona as sociedades decrépitas e se repete em todo o mundo.

Aqueles que fazem como nós dependem da renovação das fórmulas sociais duma prévia organização do trabalho ou seja, em termos mais precisos, da sindicalização das classes laboriosas, não de sentir-se agora plenamente satisfeitos. De facto, todas as modificações especiais que se operem empiricamente no domínio abstracto das teorizações, não poderão manter-se sem a estrutura forte do trabalho organizado. A nossa batalha não se ganha derrotando apenas militarmente o adversário. Ela não é um valor negativo e destruidor; é sobretudo uma reconstrução activa e criadora. Este congresso vai demonstrar o grande esforço organizador que é a melhor garantia do triunfo sólido e duradouro.

Nunca estivemos tão próximo do objectivo ansiosamente aguardado. E se este momento nos faz estremecer de júbilo, ele carrega-nos de apreensões não só pela situação caótica que nos legou a guerra e a incompetência dos governos, mas principalmente pela falta de preparação da maioria das classes. Há uma coisa que não falta ao nosso operariado — talvez, no fundo, essencial — é o espírito revolucionário, a convicção ardente do triunfo das ideias e a limitada dedicação que vai até os máximos sacrifícios e aos desprendimentos absolutos. Como em parte alguma, afloram aqui impulsos generosos da vontade, audácias soberbas de heroísmos. Somos um conjunto étnico com ilimitados recursos mas inaproveitados, desvalorizados, rolando na decadência das taras adquiridas por séculos e séculos de servidão.

Evidentemente, não é uma nacionalidade que nós pretendemos ressuscitar, um agregado egoísta fechado no preconceito político da pátria. São energias e vontades perdidas, valores anulados no âmbito aflixante em que os comprime a actual organização das sociedades que nós queremos libertar para o trabalho e para a vida. O quadro das sociedades de hoje não é já amplo bastante para o desenvolvimento das grandes massas que desbordam da centralização capitalista e perdem a docilidade das multidões gregárias. O Trabalho quer liberdade de expansão; quer os braços livres, a oficina emancipada.

Daqui saudamos, pois, os camaradas congressistas e as organizações operárias que os delegaram a Coimbra, fazendo ardentíssimos votos para que deste Congresso saia a nova constituição orgânica do operariado português, tão sólida o uma como a vontade daqueles que lá estão hoje e que representam nesta terra a encarnação genuína do espírito revolucionário, fecundo e progressivo.



Base dos Trabalhadores de Coimbra (sede da União dos Sindicatos Operários de Coimbra e dos sindicatos profissionais)

A caminho de Coimbra

A partida dos congressistas

A partida dos delegados idos de Lisboa efectuou-se ontem, pelas dez horas da manhã. Por esse facto, a estação do Rossio teve uma concorrência desusada, muitos camaradas tendo ido despedir-se dos congressistas. Um entusiasmo invulgar iluminava os semblantes de todos. Apertos de mão, gritos de regozijo, a troca de efusivas saudações entre gente que se conhece, que cava com a mesma enxada áspera do trabalho, que sofre as mesmas penas e que vibra sob o influxo das mesmíssimas aspirações. O rancho operário extrema-se bem pelo seu aspecto. Como na partida para Tomar, a quando do primeiro congresso, a ideia dominante, discutida sempre, aludida no derradeiro aperto de mão, vai para os trabalhos a realizar.

— Com que então, a Confederação vai desta vez? ...

— Vamos ver, vamos ver. Um gracinha de um, enquanto os retardatários chegam, agodados, a murmurar-se de bilhetes.

— Já ficando na cama, oh camarada! — Deixa-me cá. Eram quatro da manhã estava ainda na minha associação.

A hora aproxima-se. Os congressistas tomam lugar nas carruagens. E ali, após um silvo, o comboio parte, some-se na escuridão do túnel, e por essa linha fora, até Coimbra, conduziu aquelas centenas de prestantes camaradas que se não vão, como em tempos se propôs fazer o sr. António José, edificar uma pátria nova, procurarão ao

menos acarretar umas pedras mais pesadas e o grandioso edifício social que o futuro prepara.

A chegada a Coimbra

Pequena é a cidade do Mondego para dar hospedagem às centenas de operários que de todos os pontos do país ali tem chegado esta semana. Já os congressos da Construção Civil e da Indústria do Calçado ali hão reunido uma boa centena de delegados operários.

Na Coimbra do Trabalho é indescritível o entusiasmo. E mesmo em todo o povo combricense, tam habituado ao movimento constante de forasteiros, se nota como que um espanto e certo orgulho por ter sido escolhida a sua terra para teatro de tam magno acontecimento.

Terminam as sessões e a multidão de forasteiros trabalhadores percorre as ruas da bela cidade, enquanto os rostos morenos das coimbrãs, de cabelos negros e olhos brilhantes, assomam às janelas, saudando com a sua presença os visitantes.

Entramos pela tarde, quando o silvo estridente da locomotiva anuncia a chegada do comboio em que vem os últimos componentes do congresso operário. Esperam-nos os seus camaradas que se adeantaram na partida. E então a admiração sobe ao auge. O número de delegados eleva-se a quatro ou cinco centenas. Enthusiástica confraternização, entre congressistas dum e outro lado, do norte e do sul, dos congressos corporativos e do congresso geral. E à noite sérios embaraços para acomodar tanta gente que Coimbra não esperava ter no seu reio.

Não vão os comerciantes, que olham com um sorriso ganancioso a afluência de comensais, aproveitarem a ocasião para lançarem sobre eles as suas garras...

As sessões de hoje

Realiza-se hoje às 11 horas a sessão inicial do Congresso. Consta ela da seguinte ordem de trabalhos: Revisão de mandatos, apreciação dos relatórios das comissões administrativas das 1.ª e 2.ª secções da U. O. N. e do Conselho Jurídico, e nomeação de comissões de pareceres.

Acontece em todas as assembleias deste género, ser a primeira sessão ocupada apenas na sua constituição.

Mas a comissão organizadora do congresso, atendendo à sua importância, e à quantidade e transcendência dos problemas a tratar, marcou para «ordem» da primeira sessão a apreciação do relatório da U. O. N. que hoje começamos a publicar. Esse documento é de máxima importância porque, apresentando-nos a história do movimento operário nos últimos anos, nos indica, pela experiência do passado, o caminho que devemos seguir no futuro.

Ainda hoje se realiza outra sessão, às 20 horas, para discussão do projecto de estatutos da futura Confederação.

Os pormenores, decerto interessantíssimos, do debate, fornecê-los hamos amanhã, valendo-nos da desenvolvida informação postal e telegráfica que esperamos receber.

F. L. B. U. G. S. H. N. I.

Uma proclamação da Federação da Liga do Bem Universal da Grande Sociedade Humana Nacional e Internacional

Não conhecem por certo os leitores a F. L. B. U., etc. Também nós não temos essa honra. Sucede porém que a instituição aludida nos enviou, com data de 31 de Agosto, uma proclamação, de carácter pouco claro, que, a simples título de informação, passamos a traduzir:

«A pé, homens do Universo, todos pelo bem da Federação da Liga do Bem Universal da Grande Sociedade Humana Nacional e Internacional! Agrupai-vos todos em torno de nós! Todos avante pela grande causa! Avante e sempre avante! Tanto ricos como pobres, todos em redor da nossa bandeira! Sempre em frente, marchando de mãos dadas como irmãos! Do mais bárbaro ao mais justo, terão finalmente os homens compreendido o chamamento da Grande Sociedade que tem por fim salvar o mundo da barbaria, da injustiça e da escravidão? Considerai, raciocinando, quanto esta união nos dará força para combater as causas das misérias que nos afligem. Os fracos, os pobres, os sofredores, os infelizes, as crianças, suplicam-nos: Mãos à obra, todos vós, os povos dos povos, pela prosperidade da Grande Sociedade Humana. E a vós também, à boa imprensa, cumpre o dever de ajudar-nos.»

Não falta o cunho patético ao documento. Mas nem por isso deixa de ficar obscuro o objectivo último da F. L. B. U., etc., etc. Esclarece-se, para finalizar, que a sede da prestimosa instituição fica em Bordeux, em local que a circular por nós recebida não indica.

Perseguições governamentais

Comissão pró-pressos por questões sociais Reuniu esta comissão para apreciar a ordem de expulsão dada ao camarada António de Oliveira pelas autoridades do país visinho sob a acusação de bolchevista, certamente por se tratar dum operário consciente, acusação esta que também está muito em voga em Portugal, o que demonstra claramente o perfeito acordo dos dois países nos processos de combate aos elementos operários.

A Comissão resolveu entrevistar novamente o sr. director da polícia de Segurança do Estado para tratar da libertação daquele e de outros camaradas. Hoje reúne às 21 horas,

Notas e Comentários LÁ POR FORA

Os bolchevistas contra o álcool

John Reed, correspondente de guerra, no seu depoimento perante a comissão nomeada pelo Senado norte-americano para investigar sobre o bolchevismo, tem a seguinte passagem:

«Durante as três primeiras semanas de administração bolchevista, porém, houve inteira ausência de ordem. Vieram então os chamados «pógromes do vinho». Os contrários bolchevistas incitavam os soldados a invadir as adegas de vinho. Tam frequentes se tornaram os motins das adegas, que os funcionários dos bolchevistas tiveram por fim recorrer à força, mandando auto-metralhadoras contra os assaltantes e dando ordem de fogo depois de três avisos para dispersar.

Finalmente, as autoridades confiscaram o conteúdo das adegas de vinho e despejaram o líquido para os esgotos. Só no Palácio de Inverno foram assim destruídas bebidas no valor de quatro milhões de dólares.

Não faltava, pois, ao tsar, aos grandes e a toda a corte, matéria prima para as suas famosas e épicas carraspa-

nas, para as suas orgias em companhia de bailarinas.

Os bolchevistas reduziram ao mínimo o alcoolismo e a prostituição, mas... eles é que são os bárbaros.

A intervenção na Rússia

O presidente da República checoslovaca, Masaryk, organizador das legiões checoslovacas, que a princípio combateram o exército vermelho, publicou numa revista norte-americana, órgão da «Christian Science» um interessante estudo sobre a situação russa.

No seu entender, a intervenção na Rússia, em face da psicologia do povo russo, traz consigo as maiores dificuldades e perigos, e ou se organiza uma expedição militar extraordinariamente poderosa, ou então é melhor desistir.

Mas como os soldados da Entente parecem pouco dispostos a fazer a sério semelhante guerra e os corpos de voluntários não dão resultado, entende o presidente Masaryk que «os Aliados tem o dever de entrar em relações com todos os grupos que na Rússia combatem governos».

Proporção, pois, conclui ele, — que se negocie com Lênine, Koltchik e Denikin.

A França e a România

PARIS, 4. — Segundo diz *Le Journal* falou-se em nomear os srs. Jonnart ou de Selves como representantes dos governos aliados cujo conselho pensou em mandar um deles a Bucarest; o sr. Clemenceau, porém, não esteve de acordo, estimando não ser a França que ligada por muita afeição recíproca à România não é a ela que cumpre significar a esta um descontentamento que aliás não é seu.

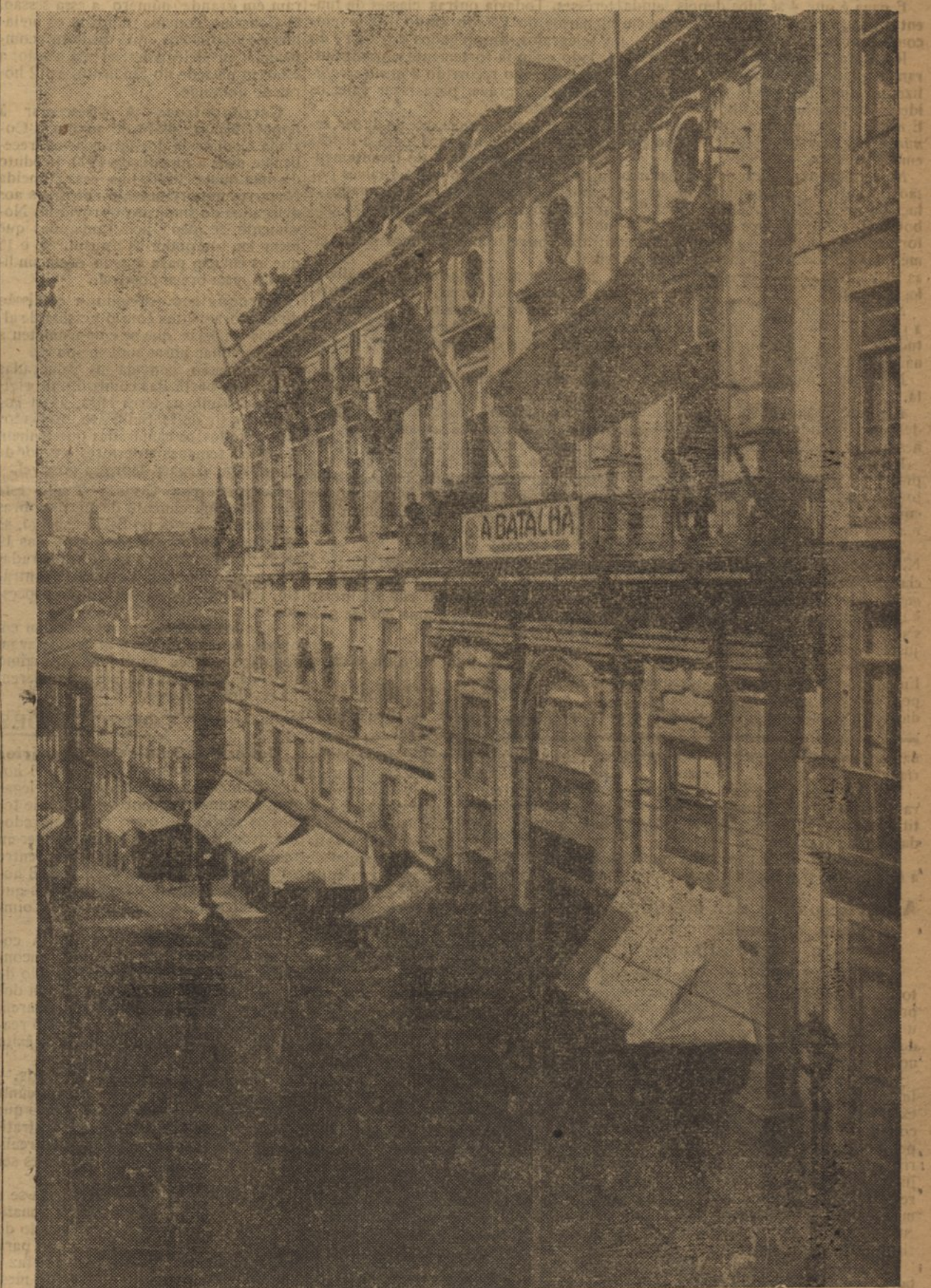
O *Petit Journal* diz-se persuadido que a classe de 1920 não será chamada a ano e beneficiará da nova lei de recrutamento que deverá ser instituída na próxima legislatura. — II.

A nota à România

PARIS, 4. — O conselho supremo designou um funcionário do *Foreign Office*, o sr. Georges Clark, para levar a Bucarest a nota do conselho supremo dirigida ao governo românico. — II.

Atentado contra um ministro

LONDRES, 4. — Segundo conta o *Daily Telegraph*, foram lançadas bombas contra o primeiro ministro do Egipto sem o atingirem. — II.



Edifício onde estão instaladas a União Operária Nacional (1.ª secção), a União dos Sindicatos Operários de Lisboa, a Federação e os sindicatos da Indústria da Construção Civil e a Batalha, porta-voz da organização operária portuguesa

O Congresso Socialista Italiano

Ainda o programa maximalista — O em-prêgo da força, a maior das partes da História — Como se defenderá a revolução

Num primeiro artigo sobre o programa maximalista que a esquerda do Partido Socialista italiano espera fazer triunfar no próximo congresso, fizemos o resumo das partes em que esse programa se ocupa da necessidade urgente duma acção socialista revolucionária e dos fins que esta deve ter em vista.

Em seguida, o documento passa a expor os meios para a conquista do Poder e sua defesa, depois de conquistado.

A burguesia não se deixará expropriar brandamente, e por isso qualquer ataque, por parte do proletariado, ao uso dos meios violentos só servirá para reforçar o privilégio capitalista.

Para os seus fins imperialistas, a burguesia internacional não hesitou em provocar a guerra mundial, essa monstruosa hecatombe «científica» de dez milhões de homens. O funcionamento

normal da exploração capitalista constitui de per si uma imensa violência permanente, com vítimas cotidianas incontáveis. E o privilégio burguês é sempre defendido com a maior brutalidade e falta de escrúpulos.

Na crise actual, com as guardas brancas e o terror branco cada vez mais generalizados, a burguesia mostra a evidência a sua decisão de defender a ferro e fogo o seu privilégio criminoso. E é ela sempre que declara e inicia a guerra social, como já sucedeu na Itália com o assalto ao *Avanti!*

Portanto, pregar a abstenção do uso da força é não querer o triunfo do socialismo ou contribuir para aumentar o número das vítimas entre a massa desarmada.

Marx dizia que a força é a maior parte da História. Os actuais aconteci-

mentos confirmam esta verdade. O supremo meio de emancipação é a insurreição armada do povo trabalhador e dos proletários soldados.

Triunfante o socialismo, proceder-se há ao desarmamento da burguesia e ao armamento do proletariado, organizado em milícia vermelha.

O programa de acção durante a fase preparatória

Na fase preparatória, até ao início da acção decisiva, o Partido deverá seguir as linhas indicadas por Lênine numa das suas teses, aprovadas no Congresso de Moscova da 3.ª Internacional:

- 1) Escalar as massas do operariado, de blusa ou de farda, sobre a necessidade urgente de instaurar uma nova democracia proletária;
- 2) Impedir, no seio do Partido, qualquer fraqueza ou colaboração com instituições burguesas; apartar-se dos que defendem essa política, ou a possibilidade de transformação no âmbito burguês ou a combinação dos instrumentos de dominação burguesa (parlamentos, municipalidades, etc.) com os novos órgãos proletários;
- 3) Organizar os Conselhos de trabalhadores em todos os domínios da indústria e da agricultura, adestrando-os desde já num trabalho de propaganda, preparação e luta;
- 4) Conquistar no seio dos soviets e

EDUCAR É REVOLUCIONAR

No jornal A Federação publicou a nossa camarada Lucinda Tavares, uma das mais distintas professoras oficiais, o seguinte artigo, que tomamos a liberdade de reproduzir:

No fim do artigo do colega Canhão Júnior publicado na "Federação" de 26 do mês p. p. afirma mais uma vez a "Rotação" que acha prejudicial para a classe a ligação com a U. O. N. por ser uma organização revolucionária.

Já o colega Alberty respondeu numa série de artigos ao colega Cardoso Júnior sobre orientação e luta de classe, funcionamento e organização do C. C. etc.

Pelos dois a questão foi apresentada com brilhantismo, conhecimento de doutrina e muita liberdade de discussão.

Estava, porém, liquidado o assunto e não seria eu quem viesse levantar-lhe outra vez, se não fosse a cidade notória.

A U. O. N. é uma organização revolucionária.

Perfeitamente de acordo. Mas que se entende, ou antes o que me parece se deve entender pelo termo revolucionário?

Revolucionário é tudo que num dado momento transforma ou procura transformar o existente que caduca e caminhar para o futuro que nos aparece cheio de vida e vigor. Revolucionários temos sido consideradas todas as ideias novas de ordem científica, filosófica e pedagógica que tem feito o progresso industrial, moral e educativo das sociedades modernas e não deixam hoje gozar o bem estar material, a liberdade que tanto amamos e os meios de educar a infância que nos permitem revolucionar completamente as velhas e deprimentes teorias que fizeram o horror e a tristeza da nossa passagem quando ericainhas pela escola primária.

Revolucionário foi Comenius há séculos XVI afirmando que a escola devia ser atracente, alegre e carinhosa para a criança que sai dos braços da mãe.

E pena é que 4 séculos depois ainda entre nós as suas teorias não passassem completamente para a prática.

Rousseau, Pestalozzi e Froebel não foram verdadeiros revolucionários? Não fizeram uma revolução completa nas ideias predominantes do seu tempo? E mesmo hoje não são ainda revolucionários as suas teorias de verdadeira emancipação?

Modernamente, já em nossos dias não são verdadeira e profundamente revolucionários os princípios de Binet, Ribot, Claparède e outros que tem transformado por completo a orientação dos métodos e processos pedagógicos, com as suas novas doutrinas sobre a psicologia infantil.

Mas... dizem os colegas que tiveram a paciência de me ler, que relação tem tudo isto com a organização revolucionária da U. O. N.?

Nenhuma, parecerá à primeira vista.

Alguns, se à palavra revolucionária dermos o sentido real e verdadeiro que neste caso deve ter.

Revolucionários são todas as teorias e princípios que apresentam, porque transformam num dado momento as ideias correntes que circulavam na grande maioria dos cérebros.

Revolucionária é considerada a U. O. N. porque preconiza a necessidade das classes trabalhadoras lutarem directamente pela sua emancipação económica e política, e a consequente transformação do governo a vir ao seu encontro com a satisfação das suas justas reivindicações.

Mas, para isso que faz a U. O. N.? Entende-se por intermédio dos seus corpos gerentes ou do seu Conselho Jurídico com os governos ou com os patrões?

divergência entre a esquerda maximalista e a extrema esquerda comunista antiparlamentar, a qual já tinha publicado o seu programa antes do que acabamos de resumir. Dêse outro programa extremista daremos também notícia aos leitores, no nosso empenho de os pôr ao par das grandes correntes do socialismo renovado, embora muitas vezes discordemos em parte das ideias expostas, como sucede precisamente com o notável documento que vai ser objecto de ardentes debates no Congresso de Bolonha.

As greves

Soldadores de Almada

Um apelo do Sindicato Único Metalúrgico

Encontrando-se ainda em greve pró-aumento de salário os nossos camaradas soldadores de Almada, filiados neste sindicato, e para que dessa luta contra os industriais conserveiros os nossos camaradas saiam vitoriosos, o S. U. M. apela, neste momento, para a solidariedade de todos os metalúrgicos, esperando que saibam cumprir com o seu dever concorrendo com a sua cota-parte, que por mais uns dias, os soldadores de Almada possam manter o seu justíssimo movimento que breve finalizará com vitória completa para estes nossos camaradas.

Na sede do Sindicato, rua da Esperança, 204, 2.º, encontra-se das 20 às 23 horas, a comissão da Caixa de Solidariedade, que receberá as quantias com que os metalúrgicos entenderem dever concorrer, bem como de qualquer camarada estranho à metalurgia.

Festas operárias

União dos Empregados no Comércio de Lisboa

E' definitivamente amanhã que são inauguradas as festas nesta Associação, cujos programas já estão sendo distribuídos pelos associados.

De manhã terá lugar a alvorada por um termo de cornetas. À tarde, sessão solene, comemorando a inauguração da nova taboleta; e à noite abertura da quermesse, seguida de baile, sendo a receita líquida em favor do Cofre da instrução.

A comissão que promove as festas em honra da Associação dos Manufactores de Calçado, pede aos camaradas que tem listas em seu poder para as entregar hoje na sede do Sindicato, rua Arco do Marquês do Alentejo, 30, 2.º, das 20 horas em diante.

Teatro de S. Luiz
EXITO MONUMENTAL
O PÉ DE MEIA
No guiê da bilheteira,
Pervilha Lisbon inteira
Como abelhas em colmeia
Não há ninguém que não queira
Uma friza, uma cadeira,
Pra assistir ao PÉ DE MEIA

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Canteiros e Polidores de Mármore.—Reuniu a direcção deste sindicato, tratando de diversos assuntos de interesse para a classe. Congratulou-se pelo bom andamento do Congresso de Indústria que se está realizando em Coimbra.

A direcção participa também que se encontra aberta a inscrição dos camaradas despedidos, sócios deste sindicato, para se tratar da sua colocação.

Virão munidos das suas cadernetas profissionais e os que estejam em atraso regular, os seus débitos até ao mês de Outubro, pois, caso contrário serão eliminados.

S. U. C. Metalúrgico.—(Comissão Administrativa.)—No gabinete da comissão administrativa encontram-se os regulamentos das secções metalúrgicas e os estatutos do Sindicato, que poderão ser requisitados ao secretário geral interino.

Previnem-se os cobradores deste Sindicato e as respectivas secções para enviarem nota (nome e número de matrícula) de todos os metalúrgicos sindicados, a fim de serem inscriturados no respectivo livro de ordem.

Conselho Técnico.—No próximo domingo, realiza este Conselho, na Trafaria, uma sessão de propaganda para a constituição da 5.ª secção do Sindicato, na qual falarão os delegados Francisco Gomes, Joel da Costa e José de Sousa e outros, esperando o Conselho que os soldados da Trafaria concorram em grande número a essa sessão. O Conselho convida também os metalúrgicos de Lisboa, que queiram acompanhar os delegados a essa sessão, a estarem na sede do Sindicato, às 12 horas de domingo.

Carrageiros.—A acrescentar à importância de 46374 de auxílio à Companhia dos Caminhos de Ferro, recebeu-se mais a quantia de 1900, produto de uma quota tirada na casa Almeida Navarro, importância já entregue aos delegados do sindicato ferroviário. Novamente se pede aos camaradas que deem em seu poder as listas n.ºs 6 e 15 que se enviem para a sede deste sindicato o mais breve possível.

Marceneiros.—Reuniu a comissão de melhoramentos com o pessoal de algumas oficinas que se comprometeram a não trabalhar horas suplementares.

A comissão convida os camaradas que fazem parte das comissões de vigilância a reunir na terça-feira, às 21 horas, na sede deste Sindicato, pedindo-se a todos os camaradas que tenham listas das semanas anteriores o favor de as entregar o mais depressa possível.

Carpinteiros Cívicos.—Tendo esta direcção conhecimento de que nas obras do mestre Trigo, no Salão Central, se executam horas suplementares, das 19 às 23, prevenimos os nossos camaradas de que não abusem, porque de contrário, teremos que seguir outros processos.

—Todos os sócios que estejam em atraso de mais de nove semanas devem regularizar o seu débito até o próximo mês de Outubro, para evitar o serem eliminados de sócios.

CONVOCAÇÕES

União dos Sindicatos Operários de Lisboa.—Reine hoje, pelas 21 horas, a anunciada assembleia de delegados, pedindo-se a representação de todos os sindicatos, quer por delegados efectivos quer por suplentes, por serem momentosos os assuntos a tratar, entre os quais figura o dia normal de 8 horas de trabalho e vários assuntos que se prendem com o Congresso de Coimbra.

Empregados de Livraria.—A comissão pró-aumento de salário encontra-se em sessão permanente, sendo de toda a conveniência a comparência dos empregados de livraria, para estarem ao facto dos trabalhos que se vão realizando. A classe confia no bom êxito das suas reclamações.

Pessoal dos Hospitais Cívicos.—A convite da direcção, devem reunir hoje, pelas 21 horas, os camaradas que fazem parte da comissão administrativa, nomeada em assembleia geral realizada no dia 2 do p. p., para lhes ser dada posse.

Carpinteiros Cívicos.—Convida-se a antiga comissão que angariou doações para o camarada José Augusto do Carmo a reunir na terça-feira, para prestar contas. Igual convite se faz à comissão do benefício a favor do mesmo camarada.

Cruzada Social

Reuniu a comissão organizadora, sendo aprovados vários sócios.

Participa-se a todos os camaradas que a sede provisória é na Associação dos Caixeiros de Lisboa, rua António Maria Cardoso, 20, onde ficará instalada desde o dia 17 do corrente, e onde se prestam todos os esclarecimentos sobre a Cruzada, das 21 às 23 horas.

Aos camaradas do Parque Eduardo VII, Bairro Social e, bem assim de todas as outras obras, a comissão organizadora pede o seu auxílio fraternal, a fim de fazer face às despesas de instalação.

Atropelamento

Ontem, a tarde, na Avenida da Liberdade, a esquina da rua Alexandre de Gusmão, um automóvel do P. A. M. guiado por Artur da Silva Gomes, Praca de Almeida, 8, 3.º, atropelou Manuel Pinheiro, de 14 anos, rua Capitão Leitão, 292, em Almada, groom do Banco Nacional Ultramarino. Conduzido ao mesmo auto ao Hospital de S. José, verificaram ali no Banco, os Drs. Medeiros de Almeida, Faredes e Vasco de Lacerda que o ferido apresentava fratura do crânio, pelo que, devido ao seu estado traumático, foi levado ao Hospital de S. José, onde foi tratado pelo enfermeiro Pereira ficando depois na sala de observação do mesmo Banco. O chauffeur foi preso.

Cooperativa "Fabril Naval"

Reuniu antemanhã a Assembleia Geral, resolvendo dar a demissão ao tesoureiro, que a pediu, nomeando em sua substituição o Joaquim Gomes.

A BATALHA

A CASA DOS JORNALISTAS

Lançaram-se ontem, numa reunião em que quasi todos os jornais se fizeram representar, as bases desta instituição

Na sala da redacção da *Manhã* realizou-se ontem, pelas 17 horas, a reunião preparatória dos trabalhos a realizar para a fundação da *Casa dos Jornalistas*. A reunião assistiram os representantes de quasi todos os jornais de Lisboa, enviando cartas de calorosa adesão aos raros que, por motivos alheios à sua vontade, não puderam comparecer. Presidiu a reunião o sr. Melo Barreto, actual ministro dos estrangeiros e antigo e illustre jornalista, que convidou para secretários os srs. Rafael Ferreira, como representante do mais antigo jornal de Lisboa, o *Jornal do Comércio*, e Raposo de Oliveira, como iniciador do movimento a favor da *Casa dos Jornalistas*.

Ocupando a presidência, o sr. Melo Barreto agradeceu muito o pensamento, a honra que lhe concederam, escolhendo-o para aquele lugar. Não vê motivo especial para que ele lhe tenha sido atribuída porque, naquela reunião, nada mais é do que um jornalista, afastado, porventura, transitoriamente, da actividade profissional. Mas, se tem a consciência de a não merecer, mais uma razão há para que a prenda o seu reconhecimento, pela distinção singular que representa.

A todos os camaradas, ali reunidos, expressa os seus agradecimentos, muito sinceros, assegurando-lhes que estará ao lado deles, pelo pensamento e pela acção, sejam quais forem as circunstâncias em que se encontre, hoje no governo, como ministro da República, amanhã no Parlamento, como membro do poder legislativo, e quem sabe se na própria imprensa, ainda, como jornalista, que amou sempre, devotadamente, internecidamente, a sua profissão.

Um altíssimo ideal reúne nesta sala os jornalistas portugueses. Para a realização desse ideal, dignificador da classe, podem os jornalistas portugueses contar com o subsídio do seu esforço, onde quer que ele deva efectivar-se.

Falou em seguida o sr. Raposo de Oliveira, que proferiu as seguintes palavras:

Ante camaradas como vós, eu não tenho que expor uma ideia, nem que esboçar um plano. A ideia que aqui nos reúne, vós o sabeis, e a fundação da *Casa dos Jornalistas*, o plano consiste em regulamentar a nossa acção sobre as muitas e fáceis formas de obediência as largas verbas com que os jornais são dotados, para a criação, de diversão, de estudo, de confraternização, e de muito auxílio, tendo por cenário, a beira de águas ou a sombra de um bosque, uma Sanatório, um repouso temporário para as fadigas desta rude luta da imprensa, e de limitado repouso para os que já não possam continuar em luta. A ideia, de todos nós, é a de que, nascendo em mim quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores, que é Lino de Macedo. E' que vi que viriam a ser essas, no fim da jornada aspera, as nossas ideias, a ideia, que se de todo não afastava, e que aqui nos reúne, não se tornar realidade. Mas em realidade se tornará, disso estou certo, se mais dois ou três camaradas, com a mesma ideia, se juntarem, e se, quando, dolorosamente surpreendido, fui encontrar nas Casas de Trabalho, vestindo a farda de soldado, esse amor à vida, esse amor à vida que nos dá em anos e em labores

RELATÓRIO

DA

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA U. O. N.

A apresentar ao II Congresso Operário Nacional

Camaradas congressistas:

Não nos propomos — que não no-lo permitem as nossas múltiplas ocupações e o pouco espaço de tempo de que dispomos — apresentar-vos uma resenha completa dos trabalhos a que metemos ombros durante o período em que estivemos à frente da 1.ª Secção da Central de Sindicatos Portugueses — vinte e oito meses — período agitado e febril em que a organização demos o máximo da nossa actividade e o melhor do nosso esforço, errando, quicá, muitas vezes, mas tendo sempre em mira acertar, invariavelmente animados do intuito de produzir trabalho que honrasse o mais alto organismo de combate do proletariado português, para que nós próprios, seus humildes componentes, pudessemos justamente participar do respeito que em volta dele se estabelecesse.

É possível que, se, a ocupar os espinhosos lugares que preenchimos durante quasi três anos, houvessem estado militantes que dispusessem de maior soma de conhecimentos que os que nós possuímos, que bem modestos são, a U. O. N. pudesse registar agora, uma maior série de triunfos, mas, o que, sem receio de contestação, podemos assegurar é que ninguém mais do que nós disporia de mais forte vontade de impôr a Central dos Sindicatos à consideração da classe burguesa e de tornar a sua acção proveitosa ao mundo operário.

Quando, após a Conferência Operária, recebemos a espinhosa tarefa de erguer bem alto o nome da União Operária Nacional, desde logo nos dispuzemos a um labor aturado, e que a nossa acção foi persistente, superior mesmo ao que legitimamente se podia esperar do nosso espírito de combatividade, atesam-no os trabalhos que levámos a efeito, alguns del-os realizados sem a necessária preparação, porque, possibilidade não havia de proceder a um prévio estudo de todas as questões para as quais a nossa acção era sucessivamente chamada, sucedendo assim em consequência de serem poucos os elementos de trabalho com que contávamos e múltiplos os problemas a atacar, a maior parte destes requerendo, pela sua extrema importância, um demorado estudo.

Os progressos da U. O. N.: mais 58 sindicatos que em 1917

Depois que a Conferência Operária, por intermédio das suas duas reuniões, realizadas em Maio de 1917 em Lisboa e Porto, nos deu o árduo encargo de imprimir à Central de Sindicatos uma maior vitalidade que aquela de que vinha disfrutando desde o Congresso de Tomar, onde fôra criada, todos os nossos esforços tenderam a esse objectivo, e estamos, felizmente, habilitados a anunciar ao Congresso que não só a esmagadora maioria das associações operárias do país, que encontráramos organizadas, está neste momento unificada na U. O. N., mas também promovemos, em todas as regiões do Sul do país, onde a nossa acção podia efectivizar-se, a constituição de algumas dezenas de sindicatos, dando-lhes, para esse efeito, como era necessário, todo o nosso auxílio.

E como os factos falam com mais eloquência que as simples palavras, diremos ao Congresso que, tendo encontrado, em Junho de 1917, 61 sindicatos aderentes à 1.ª Secção da U. O. N., hoje regista este organismo a adesão de 119, o que prova que, sob este aspecto, a nossa acção não foi estéril.

Reorganização da União dos Sindicatos Operários de Lisboa

Encontrámos a União dos Sindicatos Operários de Lisboa desorganizada, motivo porque, por vezes, teve a U. O. N. de desempenhar funções que a esse organismo pertenciam. Compreendendo, porém, que tam anómala situação não podia nem devia manter-se, promovemos a reorganização rápida daquela instituição local, a qual hoje, felizmente, se afirma no movimento operário, tendo já prestado ao proletariado da capital óptimos serviços.

A U. O. N. concorreu para a criação de oito Unões de Sindicatos

Reconhecendo as vantagens que, para a organização, trazia a formação de Unões de Sindicatos em todas as localidades onde houvesse número de associações suficiente a constituir-las e a mant-las, contribuímos para a criação desses organismos em vários centros industriais do Sul do país, podendo anunciar ao Congresso que existem actualmente Unões de Sindicatos, dentro da zona Sul, além da de Lisboa, em: Évora, Olhão, Faro, Lagos, Barreiro e Almada, trabalhando-se, a despeito de dificuldades que tem sobrevenido, para que Setúbal conte também, em breve, a sua União de Sindicatos e igualmente a cidade de Beja.

Apesar das reiteradas tentativas que fizemos, não fomos tam felizes no que respecta à criação de Federações de Indústria, havendo tentado levar a efeito, mas sem êxito, a da indústria da metalurgia, que, todavia, esperamos que seja um facto em breve, por esforço próprio das respectivas associações, nomeadamente do Sindicato Unico Metalúrgico de Lisboa, que, com esse intuito, trabalha activamente. Demos a nossa colaboração ao Congresso dos Trabalhadores de Transportes de Mar e Terra, cuja federação corporativa foi votada no mesmo Congresso, em substituição do organismo federativo que a essa data existia, com vida anómala, mas, mau grado nosso, não houve possibilidade de efectuar-se um útil entendimento entre as classes de transportes de mar e terra, subsistindo a Federação Marítima, embora com vida irregular; e em piores condições ainda se arrasta a que foi criada no referido Congresso.

Levantando a organização dos trabalhadores rurais

Reconhecendo a utilidade, para a organização rural e, bem assim, para todo o movimento sindicalista, da existência da Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais, que, no tempo em que na política portuguesa predominava Afonso Costa, sofrera os mais rudes golpes, mereço do que a acção desse organismo proletariano foi sensivelmente enfraquecida, concorremos para a sua reorganização, dando todo o apoio a um reduzido grupo de camaradas em que a fé nunca se extinguiu, sobressaindo, de entre eles, pela sua tenacidade, o audaz combatente Joaquim Candeira, que, apesar de ter sido vítima, como muitos outros trabalhadores rurais, das maiores perseguições, nunca deixou de cooperar conosco para o levantamento da referida Federação, a qual, em Abril de 1918, realizava em Lisboa, no salão nobre do Teatro de S. Carlos, o seu III Congresso, que foi uma animadora manifestação de vitalidade, datando de aí o resurgir duma importante força operária como é a dos trabalhadores rurais portugueses.

Tentativas que falham

Lavrando fortes desinteligências entre as associações dos empregados do comércio de Lisboa, tentámos levar a efeito uma aproximação que pudesse produzir resultados mais apreciáveis que os que se verificavam naquele ramo corporativo, tendo encetado, com esse intuito, trabalhos junto da União dos Empregados do Comércio e da Associação dos Caixeiros, trabalhos a que puzemos termo mediante a intervenção da Federação dos Empregados no Comércio, a qual, mau grado nosso, não conseguiu realizar o entendimento que almejávamos, suscitando, consequentemente, a divisão que pretendíamos evitar.

Igualmente tentámos, junto da Associação dos Manipuladores de Tabaco (pessoal da Régie) e da Associação do Pessoal Extraordinário, uma fusão, mas não lográmos ver bem sucedida a nossa iniciativa, por desinteresse manifestado pelas direcções dos dois sindicatos, afigurando-se-nos, todavia, que uma nova tentativa será bem sucedida, uma vez que, por impressões que colhemos de componentes das duas referidas associações, averiguámos que a ideia do sindicato único é vista com a maior simpatia no actual momento.

Tentativa de unificação dos sindicatos de Setúbal

Por virtude de desinteligências suscitadas, há tempo, entre a Associação dos Trabalhadores do Mar, de Setúbal, e outros sindicatos da mesma cidade, alguns del-es aderentes, como o primeiro, à U. O. N., exercemos a nossa acção junto desses sindicatos, tendo-nos feito representar, por delegados directos, em varias reuniões efectuadas naquele importante centro industrial, sempre animados do propósito de evitar lamentáveis colisões entre organismos operários. Arrastou-se o incidente longo tempo e, havendo pretendido esclarecer o caso, no Conselho Central da U. O. N., onde chamámos representantes de todas as associações da referida cidade, o resultado não foi apreciável, porquanto, a despeito dos esfor-

ços que fizemos, esforços que nem sempre foram justamente apreciados, não lográmos fazer cessar tais desinteligências. O que nós não conseguimos, conseguiram, porém, a acção do tempo, que fez voltar a calma aos espíritos, tendo nós hoje o grato prazer de anunciar ao Congresso que o proletariado da cidade de Setúbal, embora por vezes se deixe ainda arrastar por questões que devem ser arredadas da organização sindical, sabe, como tem sabido através de todos os tempos, afirmar, nas grandes ocasiões, a sua solidariedade moral e material perante todas as manifestações levadas a efeito pela Central de Sindicatos, mostrando, com o seu grande exemplo, que está permanentemente habilitado a dar o seu concurso a todas as questões em que se afirmem altos princípios de justiça.

A acção social da U. O. N.

Sob o aspecto social, foi intensa a acção da 1.ª Secção da U. O. N., passando a dar-vos um sucinto relato dos principais trabalhos a que metemos ombros. A primeira reunião do Conselho Central, efectuada após a Conferência Operária (20 de Junho de 1917) levava a Comissão Administrativa pareceres:

Sobre a constituição do Conselho Superior de Trabalho, que aceitava, com a condição, porém, de ser observado o princípio da revogabilidade dos mandatos; sobre um projecto de lei que o ministro da Justiça apresentara ao parlamento, em que se propunha evitar que os senhores aumentassem constantemente as rendas das casas, apoiando este criterio, mas estranhando que tal projecto apparecesse já quando as rendas haviam atingido um preço exorbitante e opinando que os benefícios, aliás problemáticos, da lei, fossem extensivos a todas as rendas e não apenas a algumas;

sobre a censura à imprensa, propondo que, em face do critério estreito que os delegados do governo estavam pondo em foco, sobretudo em relação à imprensa operária, a U. O. N. protestasse junto das autoridades respectivas;

sobre o regulamento da lei dos accidentes de trabalho, propondo o estudo dessa lei, o qual foi feito posteriormente, tendo sido entregues as respectivas emendas (que foram publicadas no *Movimento Operário*) ao ministro do trabalho de então, sobressaindo de entre elas a observância do princípio da revogabilidade dos mandatos e a fixação da regra, a estabelecer, de que as associações e federações deviam ser reconhecido o direito de exercerem uma ampla fiscalização em relação a essa e a outras leis de carácter operário.

A greve geral de solidariedade para com os camaradas da construção civil

Quando estávamos ainda no início da nossa tarefa, surge, em Lisboa, nos primeiros dias de Julho, o movimento de reclamação de aumento de salário das classes da construção civil. Como na quinta feira, 13, tivesse corrido o boato de que haviam sido presos os camaradas que constituíam a comissão de greve, realizou-se, na tarde desse dia, uma parada de grevistas, a qual, partindo da calçada do Combro, atravessou, silenciosamente, as principais ruas da Baixa, dirigindo-se ao Terreiro do Paço. Como então se soubesse que a comissão que fôra enviada junto das autoridades trouxera a promessa de que os presos iam ser restituídos à liberdade, voltaram os manifestantes, sempre sob o maior silêncio, para a sede dos sindicatos, mas, mal haviam ingressado nesta, quando o edifício era cercado por forças militares. Foi então arremessada uma bomba sobre parte das forças, bomba que se afirmou ter sido atirada por um soldado clarim da guarda republicana, mais tarde preso.

Foi isso o bastante para que a tropa, selvaticamente, começasse de fazer fogo ao longo da rua, para as janelas da Federação e até mesmo para as dos outros edificios, na ânsia de matar, tendo muitos soldados abandonado as armas a fim de se porem em fuga. Volvidos os primeiros momentos de pavor, continuando, porém, ao longo, o tiroteio, subiram forças militares ao edificio, de armas engatilhadas, prendendo então cerca de 2.000 camaradas, parte dos quais foram removidos para os navios de guerra e para os cárceres, ficando outra parte em plena rua, guardada pela força, até cerca das 3 horas da madrugada, hora a que os últimos presos foram conduzidos para vários fortes. O tiroteio, na Calçada do Combro e em ruas bastante afastadas, prosseguiu durante a noite, tendo sido mortas brutalmente dezenas de pessoas. No dia seguinte appareciam affixados editais suspendendo as garantias. Ante as barbaridades cometidas pela tropa que impressionaram fundamente a opinião pública, e a despeito das perseguições de que foram objecto os militantes da classe operária, reinlram alguns destes, tendo sido votada a greve geral, por 48 horas, greve proclamada pela U. O. N., que foi iniciada em 16. Graças à forte indignação popular e à acção desenvolvida em pleno movimento, este traduziu uma bela manifestação operária, à qual se associaram os camaradas de Setúbal, que durante três dias estiveram parados, tendo, depois feito, um bando precatório cujo produto revertem para as famílias das vítimas dos acontecimentos. Havendo, finalmente, as autoridades mandado soltar uma considerável parte dos presos e tomado o compromisso, depois de terem apresentado uma proposta de accordo nesse sentido, de que as duas partes em litigio chegassem a uma solução ariosa do conflito, volvidas as 48 horas retomaram as classes o trabalho, continuando, porém, em luta as da construção civil, as quais, passadas algumas horas, firmavam, com a parte contrária, um accordo que punha termo à greve.

A greve geral de solidariedade para com os empregados telegrapho-postais.

Passada a natural perturbação produzida por estes acontecimentos, novamente voltámos aos trabalhos que tínhamos sido forçados a interromper, mas, a breve trecho, isto é, a 1 de Setembro, sobrevinha a greve dos empregados dos correios e telegraphos, os quais, após treze dias de luta e em face da mobilização determinada pelo governo, à testa do qual se encontrava Afonso Costa, deliberavam, por intermédio do respectivo Comité, entregar a direcção do seu movimento à U. O. N., encargo que foi aceito por este organismo. A acção desenvolvida nesse momento pela Central dos Sindicatos Portugueses é exposta no relatório especial do Comité da Greve Geral, documento que, em devido tempo, foi apresentado ao Conselho Central, impresso, em suplemento ao *Movimento Operário* e distribuído aos sindicatos.

Voltando-se à normalidade e, em consequência da demissão dada pelo camarada Evaristo Marques Esteves, foi nomeado secretário geral o último dos signatários, passando a ocupar o lugar de bibliotecário-arquivista o delegado Carlos T. Rodrigues e entrando para vogal o delegado Júlio Caixinhas.

A U. O. N. inicia o movimento contra a carestia da vida

Em sessão da Comissão Administrativa, de 24 de Outubro, cumprindo uma resolução do Conselho Central, foi nomeada uma comissão de onze delegados para iniciar os trabalhos tendentes à realização dum movimento de combate à carestia da vida, comissão que, em sessão de 23 de Novembro, apresentava ao Conselho Central o seguinte parecer: (*Segue o parecer já publicado*).

Na mesma sessão em que este parecer fôra presente, resolveu-se que todos os operários sindicados contribuissem com a cota única de 2 centavos para fundos da comissão, à qual foi dada a necessária autonomia.

Um parecer sobre um inquérito do governo

Em reunião de 9 de Outubro de 1917 apresentava a Comissão Administrativa ao Conselho Central um parecer sobre um inquérito dirigido pelo Estado às associações operárias, parecer que, uma vez aprovado, foi impresso e enviado a todos os sindicatos e que é assim redigido: (*Segue o parecer*).

A revolução política de 5 de Dezembro e a atitude da U. O. N. em face dela

Proseguiam com certa normalidade os trabalhos de organização a que se tinha lançado a U. O. N., embora a mudo a sua atenção fôsse distraída por perseguições exercidas sobre elementos da classe operária, o que motivava continuos protestos, a que a Central dos Sindicatos não se conservava extranha, antes nela colaborava por todos os meios ao seu alcance. A atmosfera era, porém, insuportável, porque se succediam as violências, enchendo as cadeias muitos camaradas nossos, a mór parte deles vítimas das arbitrariedades governamentais. O ambiente era, pois, propício a um forte movimento de protesto,

tanto mais que a repulsa pelos excessos do poder era geral. Assim o compreenderam os adversários políticos dos governantes de então que, aproveitando habilmente o momento, iniciaram, em 5 de Dezembro, uma revolução política, revolução que foi chefiada por Sidónio Pais, o qual, mais tarde, havia de assinalar a sua passagem pelas cadeiras do poder com uma forte repressão. Nesse movimento revolucionário cooperou, como succede sempre que há uma tirania a abater, a classe operária, embora a U. O. N., como o proclamou em manifesto publicado logo em seguida ao acto revolucionário e também em artigos inseridos no seu Boletim, se tivesse conservado, como organismo de classe que é, absolutamente extranha à insurreição armada, cujo êxito viu, no entanto, com simpatia. Graças à energia de uma boa parte dos trabalhadores que pegaram em armas e à intervenção, no momento oportuno, da União Operária Nacional, foi possível arrancar ao carcere 63 camaradas atingidos pelas perseguições dos governantes anteriores, entre eles João Gonçalves Tormenta, que estava preso desde a greve de Janeiro de 1912, a despeito dos reiterados esforços feitos pelo proletariado organizado no intuito de que há mais tempo fôsse restituído à liberdade.

A U. O. N. apresenta as suas reclamações à Junta Revolucionária

Aproveitando o momento de relativa liberdade que passava, desenvolvem a U. O. N. a mais febril actividade no propósito de fazer vingar algumas reclamações de carácter económico e social porque há longo tempo vinha pelejando. Assim, promovia, em 9 de Dezembro, na Praça dos Restauradores, em Lisboa, um comício público, onde apresentava à sanção do povo da capital, depois de o haver feito aos representantes dos Sindicatos, que momentos antes lhes haviam dado o seu apoio, as seguintes reclamações, as quais mereceram a entusiástica aprovação da importante massa dos trabalhadores e consumidores ali reunidos. (*Segue a nota das reclamações*).

Este documento foi entregue, no dia seguinte e bem assim uma relação de alguns presos por delitos originados em conflitos de carácter social e económico, a um dos membros da Junta Revolucionária.

Por sugestão desta Comissão Administrativa, realizaram-se, nos domingos seguintes, comícios em vários outros centros industriais e agrícolas do país, recordando nós, neste momento, os que se efectuaram no Porto, Coimbra, Leiria, Odemira, Barreiro, Paredes e Évora, onde aquelas reclamações foram igualmente aprovadas, sendo-o também outras de interesse para o proletariado local.

Os protestos da U. O. N. contra o predomínio da força

Breve foi, como aliás era de esperar, o período de respeito pelas liberdades conquistadas, porquanto os novos governantes, na ânsia de aniquilarem os seus adversários políticos e de se firmarem no poder, serviram-se de processos assás violentos, que repugnavam à nossa consciência de homens tolerantes e liberais. Assim, a U. O. N., em notas officiosas, manifestos e reuniões públicas, começou de protestar contra tal orientação política e contra o predomínio da força, o que lhe acarretou, como era de esperar, as antipatias dos novos detentores do poder que, por tal motivo, começaram de dirigir também os seus ataques à organização operária, na qual viam um adversário sobremaneira perigoso.

As greves pelo aumento de salário

Como a carestia da vida se agravasse dia a dia, sendo impotentes para a atenuar as dezenas de decretos que periodicamente se succediam, as corporações operárias, esgotadas todas as tentativas suasórias junto dos respectivos industriais, realizavam greves sucessivas pelo aumento de salários, única arma de defesa a que podiam recorrer. A principio, os governantes intervieram, no propósito de solucionar suasóriasmente esses movimentos, mas, como, atrás duns, outros surgiam, e supondo que o proletariado era agitado por elementos políticos, começaram a hostilizar francamente tais movimentos, acreditando na problemática eficácia da força para os sufocar, recurso este que, todavia, não deu os resultados que anteviam. Entretanto, os protestos contra os processos governativos avolumavam-se, sendo impotentes para os deter as teatrais exhibições de Sidónio Pais, que, criando a «Sopa dos Pobres», esperava, ao que parece, poder resolver assim o problema da fome, como se se tratasse duma panacea miraculosa, quando, em boa verdade, doutra coisa senão tratava se não da prática duma torpe ficção que fazia recordar o ancestral caldo do convento, expediente immoral com que os reacconários de outras épocas supunham poder deter a ânsia de progresso.

A U. O. N. contra uma teimosia do Ministério de Previdência Social

No desejo de afirmar a coesão da classe operária e de levá-la a manifestar-se conscientemente, a Comissão Administrativa, sem desprezar outros trabalhos para os quais a sua acção era chamada, dispôs-se a contrariar os intuitos que ressaltavam da teimosia, claramente expressa por parte do ministério do Trabalho e Previdência Social, de impôr a lei que criara o Conselho Superior de Trabalho, tal como havia sido elaborada, sem embargo da U. O. N. ter reclamado a sua modificação na parte relativa ao tempo de duração dos mandatos, como atrás se refere. Ante o propósito sistemático de levar por diante tal imposição, organizámos e coordenámos uma resistência activa contra ela, mereço do que conseguimos impedir que, não só as associações de Lisboa, mas também as de todo o país, participassem daquela instituição official. Assim, quando em 20 de Janeiro de 1918 se realizavam, nas Câmaras municipais, as eleições dos vogais operários e patronais ao Conselho Superior de Trabalho, nós conseguimos, de accordo com a 2.ª secção da U. O. N., que fossem votados, pela classe operária, os nomes dos camaradas indicados pela Central dos Sindicatos e que, após o acto eleitoral, fôsse lida a seguinte declaração-protesto em todas as localidades onde se verificou aquele acto. (*Segue a declaração*).

Em consequência da attitude então assumida, numa unanimidade admirável, pelas associações operárias de todo o país, ficou, consequentemente, impedido de funcionar o Conselho Superior de Trabalho, porque, destituida a reclamação sobre a revogabilidade dos mandatos, não tomaram posse os delegados operários, sem a presença dos quais tal instituição estaria, evidentemente, incompleta.

Foi recentemente tomada em consideração, por um outro ministro do trabalho — o Sr. Jorge Nunes — o racional principio da revogabilidade dos mandatos, o que significa que triunfou, graças aos esforços da organização operária, o nosso criterio, em opposição ao da burocracia official, restando agora que o Congresso se pronuncie sobre a nomeação de delegados àquella instituição, conforme o convite que vem sendo feito às associações operárias.

Tendo sido encerradas, pelos governos anteriores, varias associações de classe operárias, a U. O. N., umas vezes por intermédio da sua Comissão Administrativa, outras por delegação do Conselho Central, depois de sucessivas demarches, conseguiu faz-las reabrir.

O parecer da Comissão contra a carestia da vida

Em 22 de Fevereiro de 1918 era apresentado ao Conselho Central, depois de ter sido apreciado pela Comissão Administrativa, um parecer sobre a carestia da vida, da autoria da respectiva comissão, documento que reproduzimos: (*Segue o parecer*).

Simultaneamente, a Comissão Administrativa, agregando a si vários elementos do Conselho Central, actualizava as reclamações apresentadas em Dezembro à Junta Revolucionária, completando-as, ficando definitivamente assim elaboradas. (*Segue a nota das reclamações da U. O. N.*).

Presentes essas reclamações ao presidente do ministério, não mereceram ellas a minima atenção do governo, que, no facto das greves se succederm, continuava a ver uma agitação politica, na obsessão doentia de quem só superficialmente analisa os acontecimentos. A verdade é que semelhante tese só podia ser sustentada por quem desconhecisse absolutamente as dificuldades da existência do trabalho, assim se explicando o erro de visão do presidente do ministério, que nem de ouvido conhecia a amarga existência do operário, quanto mais pela dura experiência!

(Conclui.)